



Uso do artigo definido antes de nome próprio em postagens da internet

Use of the definite article before a proper name in Internet postings

Ronaldo Nogueira de MORAES*

RESUMO: O presente trabalho analisa a variação no uso do artigo definido antes de nome próprio de pessoas em postagens publicadas na rede social *Twitter*. Amparado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), objetiva-se descrever e analisar o fenômeno variável “artigo diante de nome próprio” em dados de língua escrita, a fim de examinar o comportamento da variável na modalidade escrita e verificar o quanto esse uso se aproxima ou se afasta do que já se observou para dados de fala do português brasileiro. Os dados coletados foram tratados e controlados segundo às variáveis linguísticas pertinentes e analisadas de acordo com os resultados apresentados pelo programa GoldVarb X. Os resultados mostraram uso significativo de artigo antes de nome próprio de pessoas – 76,2% –, o que evidencia que, no gênero textual considerado, os usos observados na fala também foram observados na escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Artigo definido. Nome próprio. Postagens do *Twitter*. Variação e uso.

ABSTRACT: The present paper analyzes the variation in the use of the definite article before people's proper names in posts published on the social network *Twitter*. Supported by the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008), this paper aims to describe and analyze the variable phenomenon "article in front of a proper name" in written language data in order to examine the behavior of the variable in the written modality and verify how close or far this usage is from what has been observed for Brazilian Portuguese speech data. The data collected was treated and controlled according to the relevant linguistic variables and analyzed according to the results presented by the GoldVarb X program. The results showed significant use of the article before people's proper names - 76.2% -, which shows that, in the textual genre considered, the uses observed in speech were also observed in writing.

KEYWORDS: Definite article. Proper name. *Twitter* posts. Variation and usage.

Artigo recebido em: 31.01.2023
Artigo aprovado em: 13.09.2023

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Pará. Professor da rede pública estadual do Pará.
ronaldo645@yahoo.com.br

1 Introdução

O português brasileiro se caracteriza por um conjunto de fenômenos linguísticos variáveis que o diferenciam não apenas das línguas românicas, mas também do próprio português europeu. Há muitos anos que o português brasileiro (PB) vem sendo descrito e analisado, em suas variedades cultas e populares, e as suas especificidades vêm se revelando a cada estudo em diferentes dimensões – diatópica, diastrática, diafásica, diamésica, dentre outras – e nos mais diversos níveis da língua, do fonético-fonológico ao pragmático-discursivo. Não são poucas as especificidades do PB no nível do sistema (ou da gramática) que fazem com que ele se distancie do português europeu (PE)¹.

Um dos aspectos que parecem diferenciar os usos no PB e PE diz respeito ao uso do artigo antes de nome próprio de pessoas – os antropônimos. Em PB, este uso constitui um fenômeno variável, como bem já demonstraram muitos trabalhos de cunho variacionista; em PE, de acordo com Castro (2001), o nome próprio em posição argumental é obrigatoriamente precedido de artigo. Raposo e Nascimento (2013) afirmam que, em seu uso referencial, o nome próprio, em português europeu, é precedido pelo artigo definido sem que isso acarrete uma conotação de familiaridade nem uma avaliação depreciativa ao portador do nome próprio, como é comum em outras línguas românicas, como o francês e o espanhol. Ainda segundo os autores, em PE é justamente o uso do nome próprio sem artigo definido anteposto o que provoca estranheza: “ao ouvirmos um tal enunciado [*Pedro avisou Antónia para que não falasse com Maria*], pensaríamos certamente que a pessoa que o produziu ou não é portuguesa (e não conhece as convenções sobre o uso dos artigos com antropónimos na nossa língua) ou é extremamente pedante” (Raposo; Nascimento, 2013, p. 1025). A omissão do artigo com nome próprio, destacam os autores, ocorre quando a pessoa nomeada é muito conhecida, quando tem um estatuto especial na comunidade linguística, no

¹ Cf. Bagno (2017, p. 358-362) para algumas dessas especificidades do PB.

sentido de que quanto mais conhecido e proeminente é o referente do nome próprio (um presidente, um grande escritor, personalidades históricas, por exemplo), maiores são as chances de o nome próprio ser usado sem artigo. Nada obstante, ressaltam Raposo e Nascimento (2013), nomes próprios de pessoas conhecidas e proeminentes podem ser usados com artigo a depender do contexto situacional: “o mesmo falante que não ousaria usar o artigo definido em público para referir um indivíduo proeminente não hesitaria em usá-lo numa conversa entre amigos ou com a sua família” (Raposo; Nascimento, 2013, p. 1026).

No português brasileiro contemporâneo, o uso do artigo diante de antropônimos constitui um caso de variação linguística, uma vez que eles podem aparecer ora antecedido de artigo, ora não. Esse fenômeno não passa despercebido pelos ouvidos dos brasileiros, visto que o não uso do artigo nesse contexto é identificável, chegando até mesmo a se supor a região de origem do falante apenas levando em consideração esta característica da fala de uma pessoa. Observe-se as ocorrências² a seguir:

(1)

- a. “O aniversário da *Arya* é dia 1 de junho, a loja avisou que o presente vai atrasar e só chega lá pelo dia 20 DO MÊS QUE VEM”
- b. “Agora entendi pq o *Mateus* quer tanto uma moto”
- c. “E o *Porchat* que tava com *Gagliasso* dizendo que tem medo de ter filho e depois ele votar no *Bolsonaro*. *Bruno* foi defender alegando que isso n iria acontecer por conta da educação. *Porchat* então reacendeu a polêmica familiar: seu irmão teve a sua educação e votou nele”
- d. “O *Alexandre de Moraes* e *Gilmar Mendes* precisam se pronunciar sobre isso! *Arthur* não respeita as instituições!”

² Todos os exemplos citados neste texto foram retirados da amostra analisada. Manteve-se a grafia original das postagens.

Os exemplos em (1) mostram o nome próprio ora antecedido de artigo, ora não. Diversos estudos do PB já evidenciaram o caráter variável desse fenômeno³, bem como os diferentes condicionamentos que levam a um maior ou menor uso do artigo. No entanto, esses trabalhos se concentraram na modalidade falada da língua, analisando diferentes amostras de fala do PB. No que diz respeito a modalidade escrita, pouco se tem falado a respeito, provavelmente por se considerar a escrita mais conservadora e um eventual baixo uso de artigo nesta modalidade.

Considerando, contudo, a necessidade de se observar o comportamento desse fenômeno na língua escrita, este trabalho se propõe a analisar a variação no uso do artigo definido antes de nome próprio de pessoas na escrita tido como informal, aqui representada por postagens de usuários da rede social *Twitter*, identificando, sobretudo, os fatores linguísticos que estejam condicionando a variação, a fim de se observar até que ponto fala e escrita informal podem estar relacionadas.

Nesse sentido, o presente artigo encontra-se organizado da seguinte maneira: inicialmente, apresenta-se um panorama do artigo antes de nome próprio no que diz respeito à fala e à escrita; em seguida, os pressupostos teórico-metodológicos e a amostra analisada são apresentados. Posteriormente, passa-se à análise dos resultados, identificando as variáveis tidas como relevantes para o fenômeno; por fim, as considerações finais.

2 O artigo definido antes de nome próprio

A tradição gramatical considera não necessária a utilização do artigo antes de nome de pessoas em função do caráter já particular e individual do nome próprio. No entanto, como reconhecem Cunha e Cintra (2013, p. 237) “no curso da história da língua, razões diversas concorrem para que esta norma lógica nem sempre fosse observada”. Dentre as indicações para uso de artigo antes de nomes de pessoas, a

³ Cf. Callou; Silva, 1997; Callou, 2000; Campos Júnior, 2011; Almeida Mendes, 2015; Veríssimo, 2020; Moraes; Lima, 2021; dentre outros.

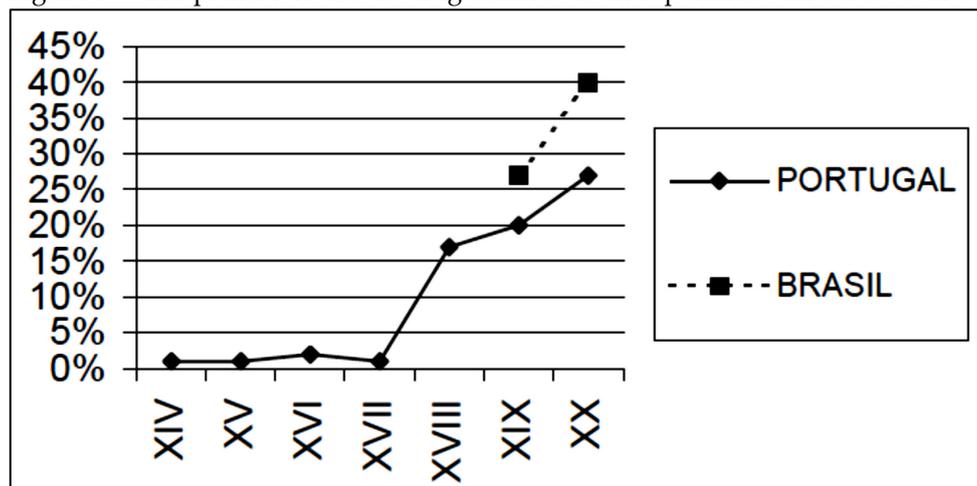
tradição gramatical coloca o aspecto familiar, afetivo e íntimo entre o falante e a pessoa por ele mencionada, sendo que nesse aspecto pode também omitir: “Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido” (Bechara, 2009, p. 154).

No entanto, estudos que enfocam a variação no uso do artigo diante de antropônimos vêm demonstrando que este uso vai além dos traços de familiaridade e afetividade entre as pessoas. Callou e Silva (1997), por exemplo, mostraram que o traço de familiaridade destacado pela tradição gramatical só se mostrou relevante na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, o fenômeno parece ter marcas dialetais muito fortes, como mostrado por Moraes e Lima (2021), e seria inviável pensar que pessoas da região Nordeste do Brasil, por exemplo, tenham seu sentimento de afetividade retraído ou limitado.

Tem-se em Callou e Silva (1997) um dos primeiros trabalhos a focar também o uso do artigo antes de nome próprio em *corpus* de língua escrita. As autoras analisaram textos portugueses e brasileiros; os textos portugueses são do século XIII ao XX e os textos brasileiros são dos séculos XIX e XX, haja vista que, segundo as autoras, textos brasileiros anteriores ao século XIX não representariam o português do Brasil exatamente.

Apesar de não se ter maiores detalhes sobre como se procedeu a análise dos textos escritos, quais os tipos de textos usados, quantos foram selecionados e as ocorrências levantadas, a análise diacrônica das autoras mostra aumento crescente no uso do artigo, tanto no Brasil quanto em Portugal. Entre os séculos XIV e XVII, em Portugal, a presença de artigo ainda era tímida, atingindo registro significativo nos séculos XVIII, XIX e XX. No Brasil, no século XIX, o uso do artigo em contexto de antropônimos na escrita já se mostra relevante, aumentando essa frequência no século XX. Até esse período, o uso do artigo era maior no Brasil do que em Portugal. Os resultados de Callou e Silva (1997) para a análise diacrônica pode ser vista na figura a seguir retirada do trabalho das autoras:

Figura 1 — Frequência de uso do artigo diante de antropônimos em textos escritos.



Fonte: Callou e Silva (1997, p. 14).

Silva (1996) analisa a realização facultativa do artigo definido antes de possessivos e nomes próprios. A autora faz uma retomada do estudo de 1982 e avança com análise de *corpus* de língua falada, registrando um índice de 73% de uso do artigo. Silva (1996) destaca que não foi possível fazer um estudo diacrônico sobre o artigo antes de nome próprio tal como fora feito com os possessivos; em relação a eles, a autora diz não haver diferenças entre a modalidade falada e escrita. No entanto, Silva (1996) fez uma análise de 52 textos infantis em prosa, presentes em livros didáticos, a fim de observar o uso do artigo diante de nome próprio. Segundo a autora, dos 52 textos analisados apenas nove usaram artigo definido com antropônimos: 26/197, 13%. A frequência de uso nos textos escritos analisados pela autora é bem menor que a encontrada na língua oral, de 73%, o que leva a autora a considerar que o artigo antes de nome próprio de pessoas é característica da fala.

O estudo de Costa (2002) é fruto de sua dissertação de mestrado defendida em 1998. A proposta é a de analisar os fatores morfossintáticos que favoreceriam a presença ou a ausência de artigo diante de possessivos e antropônimos em textos escritos do português arcaico, que vai do século XIII a meados do século XVI. Tem-se, assim, que são todos textos portugueses, e não brasileiros.

No período arcaico do português, Costa (2002) levantou 1.466 ocorrências de nome próprio de pessoas, das quais apenas duas foram antecedidas de artigo, ambas em textos de 1540, de autoria de João de Barros: *Diálogo da Viciosa Vergonha* e *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*. Nesse período da língua portuguesa, os antropônimos são, ainda, usados sem artigo.

Observando a ocorrência de antropônimo articulado em *Diálogo da Viciosa Vergonha*, Costa (2002) verificou que o referido nome próprio (Madalena) foi usado em sentido genérico, ganhando propriedades de nome comum: “Este perdám, conseguiu el-rei Ezequias, David, e *a Madalena* em casa de Simám leproso” (Costa, 2002, p. 299). Nessa ocorrência, “Madalena” não faz referência à Maria Madalena, seguidora de Jesus Cristo, mas representa aí a figura da pecadora arrependida, podendo, assim, fazer referência a qualquer pessoa que se identifique como um pecador arrependido. Não sendo este nome próprio de uso referencial, que identifique uma, e apenas uma, pessoa no domínio discursivo, a ocorrência fica invalidada.

Em *Diálogo em Louvor a Nossa Linguagem*, a autora registrou a seguinte ocorrência: “Peró, com aquéla majestade e alteza, falou, no quarto de sua Eneida, tam alta e mimòsamente do amor, que, lhe nam chegaram as garredições de Ovídio, e as doçuras de Petrarca, que, nestes brincos, muito se esmeraram. Foi *o Vergílio* naquele seu livro” (Costa, 2002, p. 299).

Assim, pelo estudo de Costa (2002), observa-se que o artigo antes de nome próprio só foi registrado no final do período arcaico do português.

Amaral (2010) não faz um estudo sobre o uso do artigo diante de antropônimos, e sim apresenta uma análise de diferentes usos dos nomes próprios e propõe uma classificação a partir de dados coletados em textos do jornal *Folha de São Paulo*. O autor reúne os nomes próprios em três grupos, dos quais apenas o grupo 1 mostra-se interessante para os fins deste trabalho: nele, estão os nomes próprios cuja referência é voltada ao portador inicial do nome próprio, ou seja, é o nome “Sílvio Santos”, por exemplo, fazendo referência ao próprio Sílvio Santos, apresentador de TV.

Nas ocorrências de nomes próprios pertencentes ao grupo 1, é comum eles aparecerem, na escrita jornalística, sem artigo, obedecendo às orientações da tradição gramatical de não se usar artigo antes de nome próprio de pessoas. Assim, o autor levantou exemplos do tipo “A morte precoce de **Dolores Duran**, aos 29 anos, cortou uma carreira de cantora antes que ela atingisse seu ápice. **Dolores** deixou pouco mais de cem gravações” (Amaral, 2010, p. 77). Ao falar sobre a morte da cantora e compositora Dolores Duran, o nome próprio aparece sem artigo. O mesmo acontece com os sobrenomes “Ramos” e “Boal”, ao se falar sobre Lázaro Ramos e Augusto Boal: “Durante a entrevista, [Lázaro] **Ramos** pergunta a [Augusto] **Boal** o que ele gostaria de deixar para o mundo” (Amaral, 2010, p. 77).

Na escrita jornalística é comum o uso do artigo anteposto a apelidos (algunhas, cognome, epítetos) de pessoas famosas e populares no Brasil. Vejam-se os exemplos de Amaral (2010, p. 78): “Não sei como tem gente com coragem de meter o malho nele nesta cidade. É despeito!”, irrita-se Fernando Bento, 64, **o Amora**, que também foi grande amigo de Ataulfo”; “Subirão ao palco com **o Rei**, no dia 26, Alcione, Zizi Possi, Ana Carolina, Marília Pêra, Ivete Sangalo, Daniela Mercury, Claudia Leitte, Fernanda Abreu, Luiza Possi, Paula Toller e Hebe Camargo”; “O pai de Ronaldo, Nélio Nazário, respeita a decisão do jogador de educar o filho Ronald na Europa. Mas não concorda com a afirmação do **Fenômeno** de que é melhor que o menino (...)”.

O uso do artigo, nesses casos, parece ser obrigatório; a ausência deixaria a sentença agramatical. “o Amora”, no primeiro exemplo, refere-se a Fernando Bento, usado sem artigo. “o Rei” faz referência a Roberto Carlos, nome não presente na frase, mas se estivesse seguiria o padrão dos demais nomes presentes na frase: todos sem artigo. No terceiro exemplo, apenas “Fenômeno” aparece antecedido de artigo; “Ronaldo” e “Nélio Nazário” estão desarticulados, em consonância, talvez, com as orientações gramaticais.

Ocorrências como “Sem contar que, depois de um dia cheio de laboratórios, debates, há os jantares. Vejo que um deles se chama ‘produtos brasileiros com tradução

argentina'. É a Paola Carosella, simples, refinada, gostosa!" (Amaral, 2010, p. 78) são mais raras na escrita jornalística, sendo característica da modalidade falada, mas passíveis de encontrar.

O trabalho de Magalhães (2013) analisa o uso do artigo diante de pronome possessivo em textos portugueses do século XVI ao XIX. Apesar de o objeto de investigação não ser o artigo antes de nomes próprios, a autora dedica uma seção do trabalho para falar das ocorrências de artigo em contexto de antropônimo nesse período de tempo. Nesse sentido, o objetivo da autora foi o de verificar até que ponto o uso do artigo antes de possessivo estaria ligado ao uso do artigo antes de nome próprio.

A autora observou que o uso do artigo em contexto de antropônimos era variável no século XIV e essa variação vai diminuindo ao longo dos anos até ficar bem reduzida no século XIX. Ainda segundo Magalhães (2013), até meados do século XVII era possível encontrar nomes próprios em função de sujeito pré-verbal, o que já não mais foi possível encontrar no século XIX. No entanto, ainda é possível encontrar, em textos do século XIX, ocorrências de nome próprio sem artigo em contextos que, à época, poderia ser configurado como de resistência, tais como sintagmas preposicionados, sujeito de sentenças encaixadas, sujeitos invertidos, ou em contexto em que há uma conjunção precedendo o nome próprio.

Assim, para o português europeu, Magalhães (2013) verificou que o artigo antes de nome de pessoas foi ficando cada vez mais frequente à medida que se avança no tempo, dando sinais, já no século XIX, de que a norma de uso no português europeu estava mudando com relação a este fenômeno. Atualmente, no português europeu, nomes próprios de pessoas, ao menos em posição argumental, são obrigatoriamente precedidos de artigo (cf. Castro, 2000).

O trabalho de Brito, Lacerda e Carneiro (2019) é um dos poucos a analisar a variação do artigo definido antes de nome próprio em textos escritos no português brasileiro. A amostra analisada é representativa do português popular baiano e

corresponde a 91 cartas pessoais escritas por 43 lavradores de áreas rurais do semiárido baiano. Esses textos, segundo Santiago e Carneiro (2016, p. 91), são “próximos de uma escrita cotidiana, de caráter afetivo, apresentando um significativo grau de transparência aos usos vernáculos”.

Os autores registraram 464 ocorrências de nome próprio em contexto de variação, das quais apenas sete (1,5%) foram antecidas de artigo definido. Interessante fato trazido pelas autoras é que quatro das sete ocorrências estão em cartas de uma mesma pessoa, que passou alguns anos trabalhando em São Paulo. De acordo com o estudo de Callou e Silva (1997), a cidade de São Paulo foi uma das que mais favoreceram o uso do artigo e esta pode ser a explicação para o fato de as quatro de sete ocorrências terem aparecido na carta de uma mesma pessoa que trabalhou por alguns anos nessa cidade.

As autoras terminam afirmando que os resultados no que diz respeito ao uso do artigo antes de nome próprio nas 91 cartas pessoais escritas pelos 43 lavradores baianos se aproximam dos resultados apresentados por Costa (2002) em textos portugueses escritos no período arcaico da língua.

Assim, tem-se que o artigo definido antes de nome próprio de pessoas na língua escrita tende, pelos estudos observados, a não ser usado, o que pode sugerir um aspecto conservador da escrita para este fenômeno. No entanto, excetuando-se Silva (1996), que observou o fenômeno em livros didáticos, e Amaral (2010), que não observou efetivamente o uso do artigo na escrita jornalística, os demais trabalhos analisaram o fenômeno em escritas de outras sincronias, textos antigos, muitos deles do português europeu. Carece, ainda, de um estudo que observe a escrita do português brasileiro contemporâneo no que diz respeito a este fenômeno variável. Em vista disso, procurou-se analisar o uso do artigo definido em contexto de nome próprio de pessoas em postagens da rede social *Twitter*, do que se tratará a seguir.

3 Pressupostos teórico-metodológicos e a amostra analisada

Como ponto de partida, pode-se dizer que a Sociolinguística é uma disciplina independente, uma área da Linguística que compreende a língua como um fato social e a estuda em seu contexto social; em outras palavras, a Sociolinguística estuda a língua em seu uso real e concreto no interior de uma comunidade de fala.

Sabe-se que a variação acontece em todos os níveis da língua e que ela não é aleatória, que não acontece por acaso; existem forças que operam sobre a língua e que agem continuamente sobre ela, determinando a forma como as pessoas usam a língua. Pode-se claramente perceber diferenças no uso da língua por parte de seus falantes; essas diferenças se dão em razão de muitas coisas, como por exemplo o lugar onde a pessoa nasceu e/ou mora, à qual se relacionam as variáveis espaciais ou geográficas: em um determinado lugar pode-se usar uma forma lexical em vez de outra ou pronunciar um fonema de modo diferente de como se pronuncia em outros lugares. Essas diferenças podem, ainda, ser de cunho mais social, quando em um dado lugar, em uma comunidade de fala, as diferenças nos usos da língua se dão em razão da idade das pessoas ou do nível de instrução formal delas ou em razão do sexo, do nível socioeconômico dos indivíduos. Essas diferenças podem estar relacionadas, também, às circunstâncias da enunciação; a variação que se dá em razão da situação em que o falante se encontra: se está em casa com a família, se está na rua com os amigos, se está no trabalho ou em uma entrevista de emprego. A esse tipo de variação dá-se o nome de *variação estilística*. Como lembra Labov (2008), não existe falante de estilo único, todos dominam e usam diferentes estilos a depender dos diferentes contextos situacionais.

É por meio do controle rigoroso da frequência de ocorrência de cada uma das formas variantes em observação, em razão dos condicionadores internos e externos à língua selecionados para análise, que se pode traçar um perfil do fenômeno linguístico observado na fala dos indivíduos considerados no interior de uma comunidade de

fala, mostrando quais os condicionamentos favorecem ou desfavorecem o uso das formas em variação.

Com os avanços dos estudos sociolinguísticos, porém, a observação e análise dos fenômenos variáveis das línguas naturais se estenderam não só aos diferentes níveis da gramática de uma língua (morfológico, sintático, semântico, pragmático, discursivo), como também às diferentes modalidades da língua, passando a analisar a língua escrita, em suas diferentes sincronias, diferentes registros, diferentes níveis de formalidade e diferentes tipos e estilos de textos.

Assim, este trabalho se propõe a analisar, à luz da teoria sociolinguística, um fenômeno variável do português brasileiro característico da modalidade falada da língua, com claros traços de variação regional, na modalidade escrita da língua, aqui representada por postagens publicadas na internet por usuários da rede social *Twitter*, objetivando observar até que ponto as modalidades falada e escrita da língua se aproximam nos usos linguísticos do artigo definido antes de nomes próprios de pessoas.

A variável dependente deste estudo apresenta caráter binário e consiste na ausência ou presença de artigo definido antes de nome próprio de pessoas, conforme se exemplifica a seguir:

(2)

- a. “Pra mim, hoje a mulher mais linda do país é *a Pocah* sem condição”
- b. “EU QUERia que meu metabolismo fosse igual o *da Naia*”
- c. “*Helder*, na ânsia de comunicação, chamou *Mandetta* que espalhou que passamos do pico da pandemia na região metropolitana”
- d. “*Regina Duarte* não está mais no governo biroliro..... Chacota”

Em (2a) e (2b), os nomes próprios estão anteceditos de artigo, enquanto que em (2c) e (2d) o artigo está ausente. Diferentes fatores interferem na realização ou não do artigo antes de nome próprio, tantos os de natureza estrutural quando social. Neste trabalho, no entanto, se deterá aos fatores de natureza estrutural/linguística, haja vista

não se ter o controle sistemático de fatores de natureza extralinguística, com exceção do sexo do usuário da rede social, identificado na descrição do perfil.

Os dados em análise neste trabalho provêm de postagens da rede social *Twitter* publicadas pelos usuários da referida rede, sendo as postagens coletadas no período de agosto a dezembro de 2021. O gênero textual *postagem de rede social* foi escolhido por ser um texto curto e ser representativo da escrita informal; os usuários da rede têm a preocupação de passar o seu recado de forma rápida, às vezes não tão clara, geralmente sem preocupações normativas, excluindo o que eles acham desnecessário à informação. Acredita-se que se o artigo foi visto como expletivo, desnecessário, ele terá alto índice de omissão. Acredita-se, ainda, que a presença ou ausência do artigo representará a norma de fala do indivíduo e de sua comunidade linguística. Se o artigo for usado com frequência na escrita, é porque ele também é usado na fala, talvez com frequência maior.

Foram observadas postagens de 250 perfis de usuários da rede social *Twitter*, sendo 125 perfis de homens e 125 de mulheres. Todos os perfis são de pessoas que moram na cidade de Belém do Pará e/ou Região Metropolitana. Essa informação está presente na seção “bio” do perfil, onde o usuário informa a sua cidade. O único fator de natureza extralinguística de que se tem controle é o sexo do autor das postagens, sobre o qual se tecerá algumas considerações.

Em cada um dos 250 perfis foram selecionadas as duas primeiras postagens que continham nome próprio de pessoas, independentemente da quantidade de antropônimos na postagem. Todas as ocorrências selecionadas passaram por uma observação e análise preliminar para constatar que se tratava de ocorrência válida para análise, ou seja, se se tratava de uma ocorrência na qual a variação se fazia possível. As ocorrências não válidas foram excluídas e, quando necessário, coletava-se outra postagem no devido perfil com dado válido para análise.

O Quadro 1 traz um resumo dos fatores controlados na amostra de língua escrita analisada neste trabalho:

Quadro 1 – Grupo de fatores controlados na análise.

VARIÁVEL DEPENDENTE	
Uso do artigo antes de nome próprio. Não uso do artigo antes de nome próprio.	
VARIÁVEIS INDEPENDENTES	
Grupo de fatores	Fatores
Sexo do autor das postagens	Masculino Feminino
Intimidade	Com intimidade (família, amigos, pessoas próximas) Sem intimidade (pessoa pública e conhecida nacionalmente)
Estrutura do sintagma nominal	SN com preposição que se contrai SN com preposição que não se contrai SN sem preposição
Tipo de preposição	a, de, em, para, por, com sobre
Tipo de antropônimo	Nome completo, prenome, sobrenome, agnome, apelido/alcunha, hipocorístico, nome artístico/de palco, nome fictício.
Função sintática	Sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, aposto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, complemento nominal, tópico.
Posição do antropônimo em relação ao verbo	Antes do verbo Depois do verbo
Gênero do antropônimo	Masculino Feminino

Fonte: elaborado pelo autor.

Na etapa de tratamento dos dados, após serem selecionadas todas as ocorrências válidas, os nomes próprios foram enquadrados em função de cada fator dos grupos de fatores considerados. Todos os tipos de antropônimos encontrados foram registrados como tal, assim como todas as funções sintáticas que o SN nucleado por nome próprio. O quadro 1 mostrou, ainda, o controle da variável *intimidade*. Para o controle dessa variável, as postagens selecionadas foram aquelas em que os nomes próprios pudessem ser enquadrados em duas categorias: *com intimidade* e *sem intimidade*. O nome próprio que, claramente, fazia referência a pessoas da família (pais, filhos, irmãos, tios, avós, etc) e a amigos, colegas de trabalho foram reunidos no fator

“com intimidade”; no fator “sem intimidade” foram reunidos os antropônimos que fizessem referência a pessoas conhecidas do grande público, seja no momento em questão (quando os autores das postagens faziam referências a participantes de *reality show*), seja os já consagrados pelo grande público, como artistas em geral, políticos, jogadores de futebol, apresentadores de televisão, etc. As postagens nas quais os nomes próprios não puderam ser claramente identificados nessas duas categorias eram substituídas por outras.

Os dados coletados foram codificados de acordo com os fatores controlados e rodados no programa de análise multivariável GoldVarb X, cujo resultado se apresenta na seção seguinte.

4 Apresentação e discussão dos resultados

Foram levantadas 604 ocorrências de nomes próprios nas postagens do *Twitter*, das quais 460 (76,2%) foram antecedidas de artigo definido e 144 (23,8%) não o foram. A primeira observação que se faz a respeito é que nesse gênero textual a frequência de ocorrência de artigo antes de nome próprio de pessoas foi bastante alto e se aproxima do que muitas pesquisas têm registrado para a modalidade falada da língua.

Vejam-se, em (3), exemplos de uso e não uso do artigo em contexto de nome próprio em postagens da rede social *Twitter*:

(3)

- a. “*Antenor* receita cloroquina pros pacientes”
- b. “Se eu não acordar *Luna* e *Davi* os dois dormem até mais de meio dia”
- c. “*lady gaga* leva uma facada na coxa e continua dançando e o outro leva uma facadinha na barriga e foge de debate eleitoral”
- d. “as lives do *marcio* viraram minha religião”
- e. “Na época eu tava finalizando a pós em hematologia e tinha recém passando no mestrado. *A Arya* fez 1 aninho, as pessoas pedindo festa e eu só conseguia pensar em como eu ia dar conta da rotina dormindo só 2 hrs por noite”
- f. “Nao gostamos da brincadeira sem graça com *a Fafá de Belém*”

Em (3a, b, c), os nomes próprios aparecem sem artigo anteposto; já em (3 d, e, f) eles aparecem articulados. A grande quantidade de ocorrências de artigo anteposto ao nome próprio neste gênero textual escrito pode ser em razão de que esta é a norma/tendência de uso dos habitantes de Belém do Pará e Região Metropolitana. Se na modalidade escrita da língua, aqui representada por um gênero considerado menos formal, que não tem preocupações normativas e corretivas, registrou-se um elevado índice de uso do artigo, pode ser em função de que esse uso é o consagrado na fala.

Lima e Moraes (2019) e Moraes e Lima (2021), com base em uma amostra de fala provenientes do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), mostraram que a região Norte do país, representada pelas seis capitais que integram a rede de pontos do referido projeto, se caracteriza por fazer uso do artigo antes de nome próprio de pessoas em uma frequência de 75,6%. A cidade de Belém, segundo os autores, é uma das que mais empregam o artigo, com um índice de uso de 80,3%. Por ser as postagens do *Twitter* um gênero escrito que pode estar próximo da fala cotidiana, os usos nessa escrita podem refletir os usos da fala. No entanto, por ser um texto, em geral, curto e considerando a própria limitação de caracteres de um *post*, a presença do artigo com o nome próprio na publicação do usuário pode ser vista como necessária por estar integrado ao sistema linguístico do falante. Nessas postagens, sabe-se que elementos desnecessários são eliminados da escrita; já é uma característica desse gênero as abreviações, a ausência de pontuação, talvez na perspectiva de entregar mais por menos.

A seguir, passa-se às considerações sobre os grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes para o uso do artigo.

4.1 Variáveis relacionadas ao uso do artigo nas postagens do *Twitter*

Como se mostrou na Tabela 1, foram controlados oito grupos de fatos na análise dos dados rodados no GoldVarb X. Desses, quatro foram selecionados como relevantes para a aplicação da regra de uso do artigo; por ordem de seleção, os quatro foram:

função sintática, tipo de antropônimo, estrutura do sintagma nominal, e sexo. A seguir, discorrer-se-á sobre cada um deles.

4.1.1 Função Sintática

Estudos sobre o fenômeno vêm mostrando a relevância da função sintática do sintagma nominal nucleado pelo nome próprio para os dados de fala. Para estes dados de escrita, a função sintática também se mostrou relevante na medida em que ela foi a primeira variável selecionada nas diferentes rodadas efetuadas.

Como dito na seção 3, as ocorrências de nome próprio foram todas classificadas segundo a função sintática que o sintagma antroponímico exercia na frase. Os resultados para esse grupo de fatores são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 1 – Uso do artigo antes de nome próprio segundo a variável *função sintática*.

Função Sintática	Apl/Total	%	P.R
Objeto Indireto	16/17	94,1	0.76
Sujeito	151/182	83	0.66
Tópico	41/52	78,8	0.61
Objeto Direto	96/123	78	0.57
Adjunto Adverbial	14/23	60,9	0.42
Aposto	32/65	49,2	0.30
Predicativo	42/73	57,5	0.28
Complemento/Adjunto de nome	68/69	98,6	0.25
Total	460/604	76,2	

Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 1, as funções sintáticas que favorecem o uso do artigo definido são as de objeto indireto, sujeito, tópico e objeto direto; observa-se que as funções argumentais estão diretamente ligadas à presença de artigo no sintagma antroponímico nucleado pelo nome próprio. Observa-se, ainda, que o peso relativo atribuído às funções sintáticas favorecedoras acompanha os valores percentuais de uso, no sentido de que vai decrescendo à medida que também decresce o índice percentual. Isso atesta a importância dessas funções no condicionamento do artigo, bem como a simetria entre frequência de uso e probabilidade de ocorrência, fazendo

com que se projete a tendência a outros contextos. Essa simetria já não é observada nas funções desfavorecedoras do artigo, em que se vê uma assimetria entre os índices percentuais e a probabilidade relativa de ocorrência.

Também é possível observar na Tabela 2 que das quatro funções sintáticas consideradas favorecedoras do artigo, apenas uma corresponde a uma função preposicionada, o que demonstra a independência desse grupo de fatores com um outro grupo, *estrutura do sintagma nominal*, que será visto adiante. Os exemplos a seguir mostram a ocorrência de antropônimos em diferentes funções sintáticas:

(4)

- a. “Mano esse som eu só lembro *do Yan* em Mosqueiro”
- b. “Não sei qual é mas eu gosto demais *da Fê*. cunhada linda”
- c. “Até *o Zenaldo* achou isso”
- d. “*O Bolsonaro* foi a pior coisa que aconteceu ao Brasil em 520 anos”
- e. “*O Cristiano Ronaldo* ele fazer essas cena até vai pq eh cr7, agora esses pereba aí eh de matar e morrer...vixi”
- f. “acordei me sentindo uma velha pois *a Maísa* ela tá fazendo 18 ANOS! 18 ANOS cara”
- g. “Se vcs não viram *a Juliette* no faustão vcs perderam uma performance incrível dessa mulher...oh mulher”
- h. “Elogia *o Bolsonaro* pra ele se auto demitir”

Os exemplos em (4) ilustram nomes próprios nas funções sintáticas tidas como favorecedoras do artigo: objeto indireto, sujeito, tópico e objeto direto. As outras funções, apesar de apresentarem peso relativo desfavorecedor, apresentam frequência significativa de artigo.

(5)

- a. “Sinto saudade *do João* bebezinho que as vezes dá até vontade de ter outro”
- b. “Não, o governo *do lula* foi positivo, o problema sempre foi a aliança com o centrão”
- c. “Fiz com *a Naia* minha primeira pizza de liquidificador. Se ficar ruim a gente finge q foi ela que fez”

d. “Gente, o meu admirador *o Léo* é simplesmente uma droga de admirador... cês num tão entendendo o nível do cara”

Os exemplos em (5) são todos de nome próprio em função sintática que apresentou peso relativo desfavorecedor ao uso do artigo, o que não significa, necessariamente, dizer que o antropônimo, nessas funções, vem desarticulado. Em (5a) e (5b), têm-se duas funções que, à semelhança do objeto indireto, são preposicionadas, complemento nominal e adjunto adnominal, respectivamente. Essas funções, apesar de apresentarem elevada frequência de uso do artigo, apresentaram o menor peso relativo, 0.25. É possível que esteja havendo alguma restrição ligadas a essas posições sintáticas, que deverão ser investigadas mais detidamente.

4.1.2 Tipo de antropônimo

A referência a uma pessoa pelo nome próprio pode ser feita de diferentes formas, umas mais formais que outras, mais íntimas que outras. Uma pessoa pode ser tratada pelo prenome, o que talvez seja o mais comum, mas também pode ser tratada pelo sobrenome, por apelidos, por hipocorísticos, dentre outras. O grupo de fatores *tipo de antropônimos* procura observar exatamente isso: a forma como o referente é tratado, relacionado aos tipos de antropônimos usados para uma pessoa se referir a outra. A Tabela 2 traz os resultados para este grupo de fatores:

Tabela 2 — Uso do artigo antes de nome próprio segundo a variável *tipo de antropônimo*.

Tipo de antropônimo	Apl/Total	%	P.R
Hipocorístico	45/47	95,7	0.86
Agnome	17/18	94,4	0.71
Apelido	15/18	83,3	0.65
Prenome	341/437	78	0.50
Sobrenome	6/11	54,5	0.22
Nome artístico	12/23	52,2	0.20

Nome completo ⁴	20/43	46,5	0.20
Nome fictício	4/7	57,1	0.12
Total	460/604	76,2	

Fonte: elaborada pelo autor.

Todos os diferentes tipos de antropônimos que apareceram na amostra analisada foram classificados de acordo com a tipologia dos antropônimos apresentados por Amaral e Seide (2020). Na Tabela 3, vê-se que a forma preferida para se referir a uma pessoa é pelo prenome, que de acordo com o peso relativo não apresenta qualquer interferência para o uso ou não do artigo, embora apresente uma frequência de 78% de uso.

Os tipos de antropônimos que mais favorecem a aplicação da regra de uso do artigo na modalidade escrita da língua parecem ser os mesmos que muitas pesquisas vêm revelando para a modalidade falada: *hipocorísticos*, *agnomes* e *apelidos*. Os exemplos abaixo ilustram alguns tipos de antropônimos nas postagens do *Twitter*:

(6)

- a. “todas as boates e casas de shows em Belém tem somente uma entrada e uma saída! E *o Ed* q não ve isso.”
- b. “Já deitaram para *a Jojô* hoje?”
- c. “Eu odeio odeio a voz que *o Neto* faz quando ele tá querendo se fazer de coitado”
- d. “Sempre fico por fora das fofocas do Twitter. *O Júnior* que deveria me assuntar nada”
- e. “Por isso que a única coisa que eu desmereço é o clube do remo mesmo. *O cara de rato* eh uma derrota atras da outra”
- f. “*O Bira* trouxe jambo pra mim na esperança de não sei o q q não quero saber”

⁴ O tipo “Nome completo”, aqui, refere-se às ocorrências de nome e sobrenome: “O Prof. *Roberto Espírito Santo* desenhou a situação do COVID no Pará” e “E o *Eduardo Sterblitch* que está com a máscara do meme melhor do mundo”. Poucas vezes houve casos de nome completo formado por “nome + sobrenome + sobrenome”: “O comentário do *Augusto de Arruda Botelho* foi certo e Belém se encaixa direitinho nele”.

Todos os exemplos em (6) são de antropônimos dos tipos “hipocorísticos” (a, b), “agnomes” (c, d) e “apelidos” (e, f) e todos estão antecidos de artigo, sendo esses os que mais favorecem o uso. Esses resultados se assemelham muito àqueles para dados orais, provavelmente pelo traço informal que as postagens do *Twitter* carregam que as aproximam da oralidade; ainda que seja isso, não se pode perder de vista que se trata de língua escrita, que o autor pensa antes de escrever e, muitas vezes, reescreve o texto antes de compartilhar na rede. Outros exemplos de nomes próprios de diferentes tipos podem ser observados a seguir:

(7)

- a. “Aqui o vídeo que *o Leo Dias* fala sobre *a Anitta*. Uma total falta de senso”
- b. “E *o Porchat* que tava com *Gagliasso* dizendo que tem medo de ter filho e depois ele votar no *Bolsonaro*. *Bruno* foi defender alegando que isso n iria acontecer por conta da educação. *Porchat* então reacendeu a polêmica familiar: “seu irmão teve a sua educação e votou nele”
- c. “*A Renata Lo Prete* é de uma elegância na fala, né, menina?!”
- d. “O negócio da *Carminha* é botá a culpa na *Rita*... tá parecendo alguém que conheço mas longe de mim marcar aqui”
- e. “Voltei pra UFPA depois de oito anos pro mestrado e hj eu almocei no RU. A comida de lá sempre foi ótima, mas parece que agora tá melhor que na época do *Alex Fiúza de Melo*... top demais”

Em (7), veem-se diferentes tipos de nomes próprios com e sem artigo. Embora outros tipos de antropônimo controlados tenham obtido peso relativo desfavorável, em termos percentuais eles têm frequência significativa, sendo que apenas o “nome completo” ficou com percentual abaixo de 50%. Assim, vê-se a importância do fator *tipo de antropônimo* tanto para a fala, como já demonstraram outras pesquisas, quanto para a escrita, como demonstrou este trabalho.

4.1.3 Estrutura do sintagma nominal

Este grupo de fatores foi o terceiro a ser selecionado pelo programa GoldVarb X como relevante para o fenômeno aqui analisado. A estrutura em que o sintagma antroponímico está inserido na frase constitui elemento importante ao condicionamento do artigo, uma vez que algumas estruturas sentenciais se mostram mais favoráveis que outras. Dessa forma, controlou-se o fato de o sintagma antroponímico estar inserido em uma estrutura preposicionada ou não preposicionada; em casos de estruturas preposicionadas, observou-se se a preposição se contraía ou não com o artigo. Os resultados para este grupo de fatores são apresentados na Tabela 3:

Tabela 3 – Uso do artigo antes de nome próprio segundo a variável *estrutura do sintagma nominal*.

Estrutura do SN	Apl/Total	%	P.R
SN com preposição que se contrai	86/87	98,9	0.98
SN sem preposição	353/486	72,6	0.34
SN com preposição que não se contrai	21/31	67,7	0.24
Total	460/604	76,2	

Fonte: elaborada pelo autor.

Como dito, o sintagma antroponímico pode aparecer em uma estrutura preposicionada ou não preposicionada; quando ele figura em uma estrutura preposicionada, a frequência de uso do artigo é de 90,7%; já quando a estrutura não tem preposição, a frequência de uso cai para 72,6%. Esses resultados revelam, para a amostra escrita, tendência ao uso do artigo em estruturas preposicionadas, mesma tendência apresentada para dados de fala.

Quando se observam estruturas com preposição, pode-se dividi-las segundo a natureza da preposição: de um lado as preposições que podem se contrair com o artigo (a, de, para, por, em), de outro as que não podem se contrair (com, sobre). A tendência, para esse tipo de estrutura, é de maior uso do artigo quando a preposição se contrai

com o artigo (98,9%) em oposição àquelas com as quais o artigo não se contrai (67,7%). Nos exemplos que seguem, é possível ver os nomes próprios em diferentes estruturas:

(8)

- a. “Se *Pato* e *Felipe Melo* estão de um lado, eu estou do outro”
- b. “O *Alexandre Pato* já foi cancelado a muito tempo”
- c. “O fato do *Sérgio Moro* ter sido juiz é motivo pra investigar todo concurso público nesse país”
- d. “Sou muito apaixonada *pelo Felipe*”
- e. “Dia 178283738 da quarentena: fazendo vídeo chamada com *a Peggy*”
- f. “Não estaríamos passando raiva com *Bolsonaro* e nada disso estaria acontecendo se estivéssemos sendo governados pelo Prefeito de Trizidela do Vale no Maranhão”

Em (8), o nome próprio encontra-se ora articulado, ora não, nas três estruturas consideradas. Muitos trabalhos que observaram o fenômeno em diferentes amostras de fala do português brasileiro demonstraram a relevância dessa variável linguística no condicionamento de uso do artigo; o presente trabalho vem mostrar que essa relevância também está presente em dados da modalidade escrita da língua, ao menos no que diz respeito ao gênero *postagens do Twitter*, que não apresenta traços maior de formalidade.

No que diz respeito às estruturas preposicionadas, confirma-se o fato de que as preposições aglutinadoras estão entre as que mais favorecem a presença do artigo. A esse respeito, controlou-se também os tipos de preposição que apareceram na amostra analisada. A variável *tipo de preposição* não foi selecionada como relevante pelo programa GoldVarb X, provavelmente pela estreita relação com a variável *estrutura do sintagma nominal*, que também faz um controle das preposições. No entanto pode-se fazer consideração sobre os tipos de preposição que apareceram nos dados, observando a Tabela 4:

Tabela 4 — Uso do artigo antes de nome próprio segundo a variável *Tipo de preposição*.

Tipo de preposição	Apl/Total	%
De	80/80	100
Para	4/4	100
Com	21/31	67,7
A	2/3	66,7
Total	107/118	90,7

Fonte: elaborada pelo autor.

Nos dados apareceram quatro tipos de preposição, *de, a, com, para*. A preposição “de” se mostrou como a preferida e com ela houve 100% de uso do artigo, o que também aconteceu com a preposição “para”; ambas têm como característica a propriedade de poder se contrair com o artigo. As preposições “a” e “com” obtiveram ocorrência significativa de artigo, embora a preposição “com” se diferencie das demais por não poder se aglutinar com o artigo, o que já é possível com “a”.

Independentemente do tipo de preposição, a estrutura preposicionada em que um sintagma antroponímico pode figurar mostrou-se altamente favorecedora do uso do artigo no gênero escrito de onde provieram os dados para análise, 90,7%. As estruturas não preposicionadas apresentaram frequência menor, em comparação à anterior, mas ainda assim bastante alta, 72,6%. A semelhança dos dados de língua escrita, para o gênero postagens do *Twitter*, se aproximaram muito do que estudos outros vêm mostrando para os dados de fala.

4.1.4 Sexo

O sexo do autor das postagens foi a única variável de natureza não linguística que se pôde controlar e ele foi o quarto e último grupo selecionado como relevante. O sexo do falante também vem sendo visto como significativo para os dados de fala em diferentes pesquisas, mostrando que as mulheres tendem a usar mais artigo diante de nome próprio que os homens. Se a variante com artigo de alguma forma representar a variante inovadora no português brasileiro, em oposição à variante sem artigo, que se configuraria como a variante conservadora, poder-se-ia dizer que, ao menos nos dados

orais, as mulheres não apenas estariam na liderança no uso do artigo, mas que também seriam elas as responsáveis por levar a forma inovadora adiante. Observem-se, na Tabela 5, os resultados para a variável “sexo” para os dados da escrita aqui analisados.

Tabela 5 – Uso do artigo antes de nome próprio segundo a variável *Sexo*.

Sexo do autor dos posts	Apl/Total	%	P.R
Mulher	232/281	82,6	0.57
Homem	228/323	70,6	0.43
Total	460/604	76,2	

Fonte: elaborada pelo autor.

Como já dito, a variável *sexo* foi considerada mediante controle da identificação do sexo dos usuários da rede social na página de cada um deles, permitindo, assim, selecionar 125 perfis de homens e 125 de mulheres.

Os resultados para esta variável mostram as mulheres à frente no uso do artigo na escrita dos textos postados na rede social *Twitter*; esse resultado acompanha aqueles já revelados pelas pesquisas para os dados de fala. A natureza dos textos postados na rede social parece favorecer a transferência dos usos orais para o escrito, na medida em que os resultados para esta análise muito se assemelham aqueles das análises de fala.

Homens e mulheres têm elevado índice de uso de artigo na escrita de seus *posts*, embora as mulheres estejam à frente em termos percentuais e tenham peso relativo favorecedor, enquanto que o peso relativo atribuído aos homens seja desfavorecedor. Os exemplos a seguir ilustram os usos de homens e mulheres:

(9)

- a. “E o pai do *João* reclamando q ele tá muito rebelde e estressado kkkk um pouco do meu dna aí, admito” (mulher)
- b. “Pois *Ludmilla* está certíssima. Por causa de fake news um presidente louco foi eleito” (Mulher)
- c. “*Dalila* tá 100% quarentena” (Homem)
- d. “Eu olho para a *Paola* e minhas pernas ficam bambas” (Homem)

Os exemplos em (9) trazem ocorrências de presença e de ausência de artigo antes de nome próprio nos *posts* de homens e mulheres. Faz-se necessário dizer o quanto é difícil considerar homens e mulheres ao nível de inovação e conservadorismo linguístico, haja vista o fenômeno em questão parecer ser imune à avaliação social. A tendência em colocar as mulheres como mais conservadoras, ou atentas ao padrão normativo da língua, parece se aplicar apenas aos casos em que o fenômeno observado sofre pressão e avaliação social pelos falantes. Quando o fenômeno variável não tem essa característica, conforme já observaram Callou e Silva (1997), é mais difícil operar essa separação.

No entanto, vale lembrar Labov (1990), que diz que as mulheres se mostram mais frequentemente inovadoras em comparação aos homens da mesma comunidade quando se trata de fenômenos que não carregam estigmas sociais; ou seja, em fenômenos linguísticos, como o analisado neste trabalho, que não sofrem pressão/avaliação social explícita, as mulheres tendem a ser favorecedoras da variante com artigo tida como a inovadora. Isso se observa nos dados aqui analisados da mesma forma como já se observou em dados de fala.

Em todo caso, as mulheres dão preferência ao uso do artigo antes de nome próprio nas postagens do *Twitter*, embora os homens não fiquem muito atrás, em termos percentuais.

4.2 Considerações sobre as variáveis não selecionadas pelo programa de análise multivariada

No Quadro 1 visto anteriormente, mostraram-se os grupos de fatores que foram controlados na análise dos dados. Viu-se, ainda, que dos oito grupos, o programa selecionou quatro, tratados na seção anterior, e eliminou os outros quatro. No entanto, dada a importância desses fatores, faz-se necessário que se sejam algumas considerações sobre eles de modo a apresentar o comportamento deles na amostra

analisada. Os fatores descartados pelo programa foram: *intimidade*, *tipo de preposição*, *posição do antropônimo em relação ao verbo*, e *gênero do antropônimo*.

Dos quatro grupos de fatores descartados, não se fará consideração sobre o grupo *tipo de preposição*, uma vez que dele já se falou na seção 4.1.3 quando se abordou o grupo *estrutura do sintagma nominal*, tendo seus resultados apresentados na Tabela 4. Os outros três grupos serão brevemente abordados a seguir.

A primeira variável a ser considerada é a *Intimidade*, colocada pela tradição gramatical como gatilho para o uso do artigo. Conforme já dito, para o controle dessa variável foram selecionadas postagens nas quais o nome próprio poderia ser claramente enquadrado em duas categorias, com intimidade e sem intimidade. A primeira representa referência a pessoas do meio social, círculo de amizade dos usuários da rede, seja familiares, seja amigos, seja pessoas colegas de trabalho; a segunda representa referência a pessoas que são famosas, sejam elas populares ou não, ou conhecidas do grande público: artistas em geral, escritores, jogadores, políticos, participantes de *reality show*, dentre outros. Quando a pessoa mencionada nas postagens não poderia ser claramente enquadrada nessas duas categorias, procurava-se nova publicação que atendesse a esse critério. O contexto das postagens, na maioria das vezes, deixava clara essa relação.

A segunda variável considerada é a *posição do antropônimo em relação ao verbo*. O nome próprio pode aparecer antes ou depois do verbo, de modo que se supôs que a posição anterior a ele, posição mais alta na sentença e de mais destaque, tenderia ao favorecimento do artigo. Atrelado a isso e independentemente da posição ocupada pelo sintagma antroponímico na sentença, cogitou-se, ainda, que as posições argumentais na sentença, referentes ao argumento externo e interno, tenderiam ao maior uso do artigo em relação às posições não argumentais.

Por fim, a variável *gênero do antropônimo*. Esta não é uma variável muito controlada nos estudos, de modo que há pouquíssimas considerações sobre o gênero, masculino ou feminino, do antropônimo e sua eventual influência na realização ou não

do artigo. No entanto, optou-se por controlá-la uma vez que só se saberá a relevância desse grupo se houver um controle sobre ele. Nesta análise, essa variável não se mostrou relevante, mas seus resultados serão aqui apresentados.

A Tabela 6 apresenta os resultados para esses três grupos de fatores que não foram selecionados pelo programa GoldVarb X:

Tabela 6 — Uso do artigo antes de nome próprio segundo as variáveis *Intimidade*, *Posição do antropônimo em relação ao verbo* e *gênero do antropônimo*.

Grupos de fatores	Apl/Total	%	P.R
Intimidade			
Sem intimidade	48/73	65,8	0.52
Com intimidade	412/531	77,6	0.49
Posição do antropônimo			
Depois do verbo	259/354	73,2	0.55
Antes do verbo	201/250	80,4	0.42
Posição argumental			
Posição não argumental	305/395	77,2	0.55
Posição não argumental	155/209	74,2	0.40
Gênero do antropônimo			
Feminino	205/263	77,9	0.53
Masculino	255/341	74,8	0.47

Fonte: elaborada pelo autor.

A Tabela 6 apresenta os resultados para os grupos de fatores que não foram selecionados pelo programa. Mesmo não sendo selecionados, eles trazem informações importantes em relação à intimidade/proximidade entre a pessoa que escreve os *posts* e a pessoa a que ele faz referência na publicação; em relação à posição do sintagma antroponímico na sentença; e em relação ao gênero do antropônimo. Observa-se, ainda, que a relação entre frequência de uso e peso relativo atribuído aos fatores dos grupos nem sempre vai na mesma direção.

Adiante, podem-se ver alguns exemplos de uso de nome próprio de pessoas considerando os fatores dos grupos em discussão nesta seção. Os três primeiros exemplos dizem respeito às pessoas inseridas no fator “sem intimidade”, os três

exemplos seguintes estão inseridos no fator “com intimidade”. Nesses mesmos exemplos pode-se observar a posição e o gênero do antropônimo.

(10)

- a. “Devem confundir pq no Pará também não elegemos *Bolsonaro*, como no nordeste todo”
- b. “A varanda do apartamento da *Bruna Linzmeyer* aí é simplesmente show”
- c. “Vi *o Silvio Santos* nos trends e fui seca achando que ele tinha morrido”
- d. “as fotos que recebi *do Frederico* hoje”
- e. “*gabriel* vacilando esquecendo o microfone ligado no ead”
- f. “Sim, *a jamy* me mandou um áudio de 6 minutos só falando do fedor de uma pessoa”

Em (10a, b, c), tem-se a referência a um político, uma atriz e um apresentador de televisão, todos inseridos no fator “sem intimidade”; já em (10d, e, f) a referência é feita, respectivamente, ao namorado, ao amigo e à amiga, todos inseridos na categoria “com intimidade”. Nesses mesmos exemplos pode-se ver o gênero do antropônimo e a posição antes e depois do verbo e sua relação à posição argumental e não argumental que o sintagma antroponímico ocupa na sentença. De acordo com a Tabela 6 apresentada anteriormente, a presença do artigo é favorecida quando o nome próprio faz referência a uma pessoa com a qual não se tem intimidade, quando o nome próprio está depois do verbo e ocupando uma posição argumental na sentença, e quando o antropônimo é do gênero feminino.

5 Considerações finais

O artigo antes de nome próprio de pessoas vem sendo bem observado em diferentes áreas do Brasil; essas pesquisas revelam grande uso do artigo, mas seu caráter é ainda variável, o que significa dizer que não há, ainda, indícios de que o português brasileiro se aproximará do português europeu no tocante a esse fenômeno.

A maioria dos trabalhos que investigaram a variação do artigo definido antes de nome próprio deu-se com dados de fala, sendo ainda poucos os que observaram o fenômeno na escrita. Dos poucos trabalhos que tiveram como *corpus* de análise textos escritos, alguns deles trabalharam com textos antigos, que não dizem respeito ao português brasileiro. Ainda se carece de uma investigação que atente para o português brasileiro escrito contemporâneo, em seus diferentes estilos e registros.

Este trabalho investigou a variação do artigo antes de nome próprio em postagens da rede social *Twitter*, um gênero textual curto, direto, de natureza menos formal e que compartilha traços da língua falada. Mas ainda assim, por ser um texto escrito passa por um processo, ainda que curto, de revisão e às vezes de reescrita. O autor desse tipo de texto está atento à escrita; o conteúdo da postagem passa pelo crivo do autor antes de ser publicado, uma vez que o texto ficará público. Ainda que esse gênero apresente estilo menos formal, não deixa de ser um texto escrito e, assim, passa pelos processos pelos quais os textos escritos passam.

Os resultados aqui apresentados mostram semelhança muito grande com os resultados para dados de fala, o que significa dizer que (i) esse gênero textual apresenta características da fala casual e cotidiana, (ii) que a presença do artigo antes de nome próprio de pessoas constitui a norma/tendência de uso na fala dos moradores da capital Belém e Região Metropolitana, tanto que esse traço da fala é trazido para a escrita, quando se trata de uma escrita menos formal.

Acredita-se que quando determinado uso da língua se torna comum na escrita, é porque esse uso já está presente na fala das pessoas há um período significativo de tempo. Assim, se se encontrou nas postagens do *Twitter* índice significativo de uso do artigo antes de nome próprio de pessoas (76,2%), é possível dizer que na variedade do português brasileiro falado em Belém e Região Metropolitana esse índice é igual, possivelmente até superior. Mas isso é uma resposta que uma pesquisa com amostra representativa de fala irá dar.

Referências

ALMEIDA MENDES, A. **A ausência e/ou presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos moradores das cidades de Abre Campo e Matipó** – um estudo sociolinguístico. 2015. 373f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

AMARAL, E. T. R. Classificação dos usos de antropônimos no português escrito. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2010, p. 74-92. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2010v7n2p74/17109>. Acesso em: 20 mai. 2022.

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoas: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020. DOI <https://doi.org/10.5151/9786555500011>

BAGNO, M. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRITO, R. C.; LACERDA, M. F. de O.; CARNEIRO, Z. de O. N. Estudo morfossintático de cartas de inábeis do sertão baiano (século xx): o artigo definido diante de sintagma nominal. *A Cor Das Letras*, 2019, 19(2), 67–78. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/1904/pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022. DOI <https://doi.org/10.13102/cl.v19i2.1904>

CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. *In*: HORA, D. da (org.). **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 11-27.

CALLOU, D. A variação do português no Brasil: uso do artigo definido diante de antropônimos. *Série conferências*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 10, jun. 2000.

CAMPOS JÚNIOR, H. da S. **A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

CASTRO, A. Os possessivos em Português Europeu e Português Brasileiro: unidade e diversidade. *Actas do Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, 2001.

COSTA, I. O uso do artigo definido diante de nome próprio de pessoa e de possessivo do século XIII ao século XVI. *In*: MATTOS & SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (org.). **O português quinhentista**: estudos linguísticos. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2002. p. 284-306.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1990. Acesso em: 29 ago. 2022. DOI <https://doi.org/10.1017/S0954394500000338>

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, A. F. de; MORAES, R. N. Uso do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte do Brasil. **Revista MOARA**. n. 54, v.1, p. 69-93, ago-dez de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8162>. Acesso em: 30 set. 2022. DOI <https://doi.org/10.18542/moara.v0i54.8162>

MAGALHÃES, T. V. O uso de artigo definido diante de pronome possessivo em textos portugueses do século XVI a XIX. **Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 47, p. 123-143, 2013. Acesso em: 21 set. 2022. DOI <https://doi.org/10.28998/rl.v1i47.901>

MORAES, R. N.; LIMA, A. F. Variação do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte e nordeste do Brasil. *In*: LIMA, A. F.; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. (org.). **Estudos Geossociolinguísticos vol. 3**: edição comemorativa de 25 anos. Campinas: Pontes, 2021, v. 3. p. 157-186.

RAPOSO, E. P.; NASCIMENTO, M. F. B. Nomes Próprios. *In*: RAPOSO, E. P. *et al.* (coord.) **Gramática do Português**. Vol 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 991-1041.

SANTIAGO, H. da S.; CARNEIRO, Z. de O. N. Fontes para uma sócio-história linguística do português popular: as cartas de mãos inábeis do sertão baiano. **A Cordas Letras**, v. 17, n.1. Feira de Santana, p. 90-98, dez. 2016. Acesso em: 16 jun. 2022. DOI <https://doi.org/10.13102/cl.v17i1.1440>

SILVA, G. M. de O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. *In*: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.119-145.

VERÍSSIMO, V. M. **A sintaxe dos antropônimos em variedades do português brasileiro**. 2020. 163f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.